

Etnomusicologia e as regras não escritas do jogo democrático: um ensaio sobre a pesquisa em música como contra-narrativa

Ethnomusicology and the unwritten rules of the democratic game: an essay on music research as a counter-narrative

Fábio Henrique Gomes Ribeiro

Universidade Federal da Paraíba
fabiomusica.fe@gmail.com

Como citar este texto:

RIBEIRO, Fábio Henrique Gomes. Etnomusicologia e as regras não escritas do jogo democrático: um ensaio sobre a pesquisa em música como contra-narrativa. **Diálogos Sonoros**, v. 1, n. 2, p. 1-21, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/dialogossonoros/article/view/30596/version/34620>.

Submetido em: 10/10/2022.

Aceito em: 30/11/2022.

RESUMO

Este texto discute algumas relações entre música, a pesquisa em etnomusicologia e o contexto das relações informais da nossa realidade política, pensando nossas práticas investigativas como possibilidades de questionar os discursos existentes e de apresentar narrativas alternativas no jogo democrático. Com base em pesquisa bibliográfica, fundamentalmente nos campos da etnomusicologia, antropologia e ciência política, a direção analítica é desenvolvida na perspectiva de que nossos empreendimentos investigativos podem ter gerado parte de uma arena comunicativa baseada na construção de polarizações importantes para uma economia de opiniões característica das relações políticas contemporâneas. Assim, destaca-se a existência de narrativas que constroem e refletem conflitos neste contexto para tentarmos compreender como a música e a pesquisa em etnomusicologia se inserem e podem estar agindo nesta conjuntura.

Palavras-chave: Pesquisa em Música. Etnomusicologia. Democracia.

ABSTRACT

This paper discusses some relationships between music, research in ethnomusicology and the context of informal relationships in our political reality, considering our investigative practices as possibilities to question existing discourses and to present alternative narratives in the democratic context. Based on bibliographic research, fundamentally in the fields of ethnomusicology, anthropology and political science, the analytical direction is developed in the perspective that our investigative endeavors may have generated part of a communicative arena based on the construction of important polarizations for an economy of opinions characteristic of contemporary political relations. Thus, the existence of narratives that build and reflect conflicts in this context stands out in order to try to understand how music and research in ethnomusicology are inserted and may be acting in this context.

Keywords: Research in Music. Ethnomusicology. Democracy.

1 INTRODUÇÃO

A realidade contemporânea da democracia brasileira apresenta uma conjuntura que nos desafia a ampliar ainda mais nossas reflexões sobre música. Pensar a música tanto como fenômeno reflexivo quanto como generativo de crenças, representações e comportamentos individuais e coletivos ainda é algo necessário e coerente com o momento em que

vivemos. Nesse mesmo sentido, cabe repensar constantemente nossos empreendimentos investigativos sobre música.

Refletir sobre temas, dilemas e perspectivas para a etnomusicologia diante das características do Brasil de hoje é um desafio que certamente não é satisfatoriamente cumprido em textos como este aqui apresentado. Entendo que ainda nos falta o distanciamento histórico que nos possibilitaria compreender essa fase com maior clareza. Mas ainda assim temos aceitado o desafio de pensar esse Brasil no “olho do furacão”, correndo o risco do erro, mas não nos eximindo das responsabilidades sociais envolvidas nas nossas escolhas pessoais e profissionais, sejamos músicos, estudantes, professores e/ou pesquisadores.

Diante disso, ainda que já tenhamos alguma compreensão dos fenômenos sociopolíticos que nos cercam, compartilho o sentimento de não compreender tudo o que vem acontecendo na realidade democrática brasileira nos últimos seis anos, mas também comungo o desejo de entender e melhorar nossa situação. Nesse sentido, este texto está direcionado a uma compreensão mais ampla da nossa realidade, com o objetivo de ensaiar uma reflexão sobre possíveis relações entre o processo de recessão democrática pelo qual passamos e nossos empreendimentos de pesquisa em música, fundamentalmente no campo da etnomusicologia, a partir da realidade brasileira.

A proposta aqui é refletir sobre a música, a pesquisa em etnomusicologia e o contexto das relações informais da nossa realidade política, pensando nossas práticas investigativas como possibilidades de questionar os discursos existentes e de apresentar narrativas alternativas no jogo democrático. Para isso, destaco a existência de narrativas que constroem e refletem conflitos neste contexto para tentarmos compreender como a música e a pesquisa em etnomusicologia se inserem e podem estar agindo nesta conjuntura. Com base em pesquisa bibliográfica, fundamentalmente nos campos da etnomusicologia, antropologia e ciência política, a direção analítica é desenvolvida na perspectiva de que nossos empreendimentos investigativos podem ter gerado parte de uma arena comunicativa baseada na construção de polarizações importantes para uma economia de opiniões, característica das relações políticas contemporâneas.

2 A ETNOMUSICOLOGIA COMO CAMPO PARA/DAS MINORIAS E ALGUNS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Ao assumir aqui o desafio de pensar nosso tempo crítico a partir do olhar específico da etnomusicologia, é importante destacar que tal campo tem se constituído fundamentalmente por estudos voltados para minorias e com algum engajamento social, como apontam Lühning e Tugny (2016):

Ainda que pareçam marcadamente de cunho etnográfico, as pesquisas e práticas etnomusicológicas no Brasil incorporaram em seus procedimentos um vínculo com as políticas públicas, com a mobilização social, com a proteção de territórios e saberes, com o cotidiano da violência urbana e da violência simbólica e com a urgência que marca a sobrevivência de alguns dos povos como os quais elas trabalham e se solidarizam (LÜHNING; TUGNY, 2016, p. 23).

Entretanto, em uma perspectiva global, há certo consenso de uma demora nesse engajamento com questões críticas e conflituosas no mundo contemporâneo. Rice (2014) já havia destacado esta preocupação, ao propor um exercício autocrítico ao campo da etnomusicologia, perguntando-nos porque apenas recentemente temos nos ocupado mais com uma etnomusicologia em tempos e lugares críticos, de conflito ou com problemas.

Assim, buscando algumas respostas, Rice (2014) nos apresenta cinco possibilidades: 1) os etnomusicólogos geralmente estudam temas e lugares que gostam, sendo movidos mais por um prazer estético e menos por questões sociais; 2) a música é associada geralmente a coisas boas, algo bem refletido na expressão “isto é música para meus ouvidos”; 3) os paradigmas da área sugerem que a música é produzida principalmente em configurações sociais estáveis, com algum suporte social e governamental; 4) os acadêmicos se preocuparam principalmente com música tradicional tocada em ambientes tradicionais; e 5) seria difícil imaginar o trabalho investigativo em ambientes instáveis e perigosos sem a infraestrutura necessária para apoiar pesquisas seguras.

Todavia, no século XXI, nós já contamos com um conjunto significativo de pesquisas em torno dos tempos críticos em que vivemos. Como exemplos, podemos citar aqui alguns temas já elencados por Rice (2014): 1) Música, guerras e conflitos (MCDONALD, 2009; O’CONNELL, 2011); 2) Música, migração forçada e estudos de minorias (SHELEMAY, 1998; HEMETEK, 2006); 3) Música, doença e saúde (BARZ; COHEN, 2011);

4) Música em tragédias pontuais (SPITZER, 2006; KARTOMI, 2010); 5) Música, violência e pobreza (ARAÚJO et al., 2006; HARRISON, 2013); e 6) Música, mudança climática e meio ambiente (RAMNARINE, 2009; PEDELTY, 2012).

Olhando para esta lista temática, talvez não conseguíssemos notar até pouco tempo a centralidade política em torno de tais tópicos na nossa realidade democrática brasileira atual, que é pautada principalmente pelas dimensões do jogo político. Provavelmente isso aconteça porque as preocupações e reflexões sobre o estado atual das democracias seja fundamentalmente um resultado da articulação entre tais situações críticas mais amplas e do conjunto compartilhado de expectativas por resolvê-las no campo político. Assim, não podemos afirmar conclusivamente que houve ignorância em relação à democracia como um aspecto crítico no mundo contemporâneo, pois as dimensões políticas têm permeado de forma consistente os trabalhos que versam sobre os temas citados. Mas um aspecto importante é que tais dimensões não foram substancialmente centralizadas por nossas discussões.

Essa falta de centralidade das discussões em torno das questões políticas talvez tenha alguma relação com o que Fukuyama (1989) chamou de “Fim da História”. Em 1989, Francis Fukuyama publicou o artigo “O Fim da História”, posteriormente transformado em livro, profetizando que o fim da União Soviética resultaria em grande uniformidade em torno da vitória da democracia liberal sobre o comunismo. Tal perspectiva foi bastante questionada (ANDERSON, 1992), principalmente porque ela parecia mais representar a perspectiva hegemônica imperialista do que apresentar uma perspectiva de uma possível inércia dos movimentos sociais produtores da história. Assim, apresento essa perspectiva não porque eu pense que Fukuyama (1989) estava certo, mas por sua tese representar a narrativa de uma paz aparente, fundamentada principalmente no domínio de uma ideologia político-econômica sobre outra.

Seguindo tal raciocínio, atualmente, até mesmo o discurso por trás da paz aparente não se justifica mais, pois podemos destacar aqui o “retorno da história”, apontado por Welsh (2016) como o período de recessão econômica em 2008 e os conflitos no oriente médio com a migração massiva e o conseqüente abalo nas crenças de muitas pessoas sobre os governos e instituições democráticas. Embora tal narrativa seja importante para compreendermos parte do contexto de estudo aqui destacado, com base na realidade em que vivemos, podemos chegar à conclusão de que a história sempre esteve viva e está mais viva do que nunca! Assim, tomando como ponto de partida esta conjuntura histórica,

destaco três questões norteadoras para nossas reflexões: Como está nossa democracia? O que música tem a ver com isso? O que podemos fazer?

3 O JOGO DEMOCRÁTICO CONTEMPORÂNEO: AS REGRAS NÃO ESCRITAS E A ECONOMIA DE OPINIÕES

A partir da segunda década deste século, temos percebido uma conjuntura política crescentemente instável no Brasil, levando-nos a uma incompreensão e perplexidade diante dos diversos acontecimentos, como uma percepção de “coisas fora do lugar”. Essa percepção não é localizada, mas tem crescido no mundo de forma relativamente rápida, principalmente por estarmos vivendo um momento de parada no crescimento da democracia no mundo, como apontam Diamond (2015) e Levitsky e Ziblatt (2018). O número crescente de países democráticos desde meados dos anos 1980 incentivou um conjunto de estudos interessados nos processos de transição de regimes fechados para a democracia. Deste conjunto de estudos, a última onda de entusiasmo foi sobre a primavera árabe entre 2010 e 2011 (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

Poucos anos depois a preocupação política seria a “recessão democrática”, nome dado pelo cientista político norte-americano Diamond (2015) para descrever o fim do processo contínuo de crescimento. Inicialmente a ideia de recessão democrática estava associada à dificuldade de surgimento de novos governos com tal regime, depois se voltou para a crise de democracias consolidadas (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

A partir disso, podemos notar como o fenômeno com o qual nos preocupamos agora é recente e que os especialistas ainda buscam entender. Assim, nos parece claro a impossibilidade de responder com clareza os questionamentos sobre o estado atual da nossa democracia.

Levitsky e Ziblatt (2018) discutem essa realidade contemporânea de recessão, composta por um conjunto de questionamentos em torno das democracias mais consolidadas no mundo contemporâneo, principalmente a partir do crescimento do populismo de direita. Para os autores, o medo, o oportunismo ou erros de cálculo político podem levar partidos estabelecidos a colocarem em evidência e trazerem extremistas para as correntes dominantes, colocando a democracia em perigo.

Para a discussão empreendida aqui, destaco um dos aspectos centrais das ideias de Levitsky e Ziblatt (2018), que trata do olhar para dimensões informais do jogo político.

Para eles, tais regras informais podem ser entendidas por uma aproximação metafórica com o basquete de rua, frequente na realidade norte-americana, ou, como propõe o cientista político brasileiro Jairo Nicolau, no prefácio do livro, à pelada de futebol no Brasil. Em ambas práticas há um conjunto de regras não definidas formalmente, mas que garantem a manutenção do jogo. Assim, podemos concordar que “a democracia não é basquete de rua [ou pelada de futebol], porém, regras escritas e árbitros funcionam melhor, e sobrevivem mais tempo, em países em que as constituições escritas são fortalecidas por suas próprias regras não escritas no jogo” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, n. p.).

Nessa dimensão não escrita, os autores destacam duas regras decisivas: a tolerância mútua e a reserva institucional. A tolerância mútua envolve o reconhecimento de liberdade e possibilidade dos rivais em participar do jogo democrático, competindo pelo poder e governando, desde que cumpram as regras. A reserva institucional se relaciona à busca por evitar ações que, embora respeitem as escrituras legais, as violam claramente em outras dimensões.

Nessa conjuntura, proponho que amplie nossa reflexão em torno das regras informais do jogo democrático nos perguntando: Haveriam outras regras informais em nosso contexto? Quais regras não escritas têm a ver com a música? Assim, minha proposta é que passemos a olhar para outras dimensões construtoras das relações contemporâneas na democracia brasileira a partir de nossas realidades de pesquisa em etnomusicologia.

Para isso destaco mais uma perspectiva a se aliar com a ideia das regras informais, que é a economia de opiniões. Lukacs (2005), ao discutir as relações entre a democracia e o populismo, destaca que vivemos em uma era de soberania popular na qual o *modus operandi* preferencial dos políticos, seja liberal ou conservador, de direita ou esquerda, é “o acúmulo de opiniões”. Então, minha sugestão aqui é que a busca pelo acúmulo de opiniões tem se sobreposto às regras não escritas do jogo democrático, gerando algo parecido com uma economia de opiniões e talvez a música tenha algo a ver com isso.

4 A ETNOMUSICOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS TRANSVERSAIS

Partindo das reflexões até aqui empreendidas, entendo que podemos nos perguntar: O que não está claramente posto no jogo democrático atual, mas estamos jogando? Minha sugestão é focarmos em nossa participação no campo das narrativas

presentes nas interações do jogo democrático. Assim, ao pensar o processo de construção e significação de discursos, podemos perceber que nossas narrativas podem ser úteis às vezes ao lado periférico e às vezes do lado hegemônico. A proposta é que nós passemos a olhar para os discursos transversais em nossas agendas de trabalho como músicos, estudantes, professores e pesquisadores, principalmente a partir das relações entre música, pesquisa e sociedade.

Esse exercício reflexivo é semelhante ao que o etnomusicólogo ganês Kofi Agawu fez ao questionar os discursos acadêmicos em torno da música africana. Agawu (2003) criticou as generalizações presentes nas representações textuais sobre a música africana, que acabaram por produzir um discurso acadêmico baseado em narrativas que impediam a compreensão dessa música por uma diversidade de perspectivas. Desde a “invenção” cristalizadora do que se entende como “ritmo africano” até as definições sobre abordagens teóricas específicas para a música africana, Agawu (2003) demonstrou como se construiu uma ideia de diferença de conhecimentos produzida no discurso europeu a ser vendida aos africanos. Assim, não haveria simplesmente uma representação da música africana feita por ocidentais, mas também um grupo de estudiosos operando dentro de um campo de discurso intelectual definido pelas tradições euro-americanas de conhecimento. Como resultado da influência dessa representação acadêmica, Agawu (2003) apresenta uma série de problemas decorrentes, dentre os quais podemos citar a homogeneização acadêmica da música africana e a comparação superficial entre qualidades e deficiências entre a música europeia e africana.

Mantendo o mesmo princípio, destaco aqui três correntes discursivas que transversalizam nossas agendas como pesquisadores, músicos e sujeitos sociais: as narrativas de polarização, de neutralidade e de passividade. Nesse sentido, entendo que estes sejam discursos mais amplos que são compostos de narrativas presentes em nossa vida diária e que podem estar articulados em uma espécie de economia de opiniões, gerando discursos construtores de estereótipos, de exclusões e de conflitos pouco produtivos para nossa situação atual.

As narrativas de polarização e de estabelecimento de dicotomias, quando falamos de música, podem ser percebidas em discursos que diferenciam o que é e o que não é música, o que seria música boa ou ruim, ou ainda nas distinções entre música popular e erudita, por exemplo. Quando falamos de pesquisa, podemos perceber tais narrativas em torno das distinções entre ciências humanas e naturais ou exatas, entre conhecimento puro

e aplicado, universidade e sociedade, ciência e política, entre outros. Ainda, no que diz respeito às dimensões sociais mais amplas de tais narrativas, encontramos discursos como as representações “coxinha e mortadela”¹, comunista e neoliberal, progressista e conservador.

As narrativas de neutralidade podem ser percebidas no campo da música quando falamos em música independente, em criatividade individual como algo inato ou ainda no autodidatismo na aprendizagem musical. Na pesquisa, podemos perceber tais narrativas quando defendemos a independência de fatores externos na condução de nossas pesquisas ou ainda na concepção de parâmetros éticos aparentemente universais ou neutros. Socialmente, podemos notar narrativas baseadas na neutralidade em discursos que pregam ações políticas e educativas “sem ideologia” ou nas ideias de posicionamento pessoal em torno de algo, baseando-se nas próprias experiências e ignorando informações fundamentadas em dados concretos, caracterizando o que chamamos hoje de pós-verdade.

As narrativas representativas da passividade podem ser percebidas em discursos sobre música quando falamos em domínio e manipulação das mídias e da música massiva sobre as práticas, percepções e consumo dos sujeitos sociais. Na pesquisa, podemos notar perspectivas como a de que o pesquisador é um produtor de conhecimento sobre a música do outro. Nas dimensões sociais mais amplas, encontramos discursos como “o povo não sabe votar”, “o povo é manipulado” ou ainda podemos perceber as noções de tutela social, através das quais se pensa que os sujeitos são sempre passivos em políticas de afirmação social, por exemplo.

Diante deste conjunto de narrativas, penso que não precisamos buscar nelas apenas uma convergência com a realidade ou uma suposta verdade, mas também podemos investigar as representações coletivas e subjetivas que elas contêm. Assim, acredito que no meio termo entre as experiências reais das pessoas e as narrativas que as rodeiam (independentes de um compromisso com a verdade ou realidade) reside a economia das opiniões. Tais discursos se transversalizam e se reforçam, construindo um arcabouço de representações que refletem e constroem parte significativa do momento crítico em que vivemos.

¹ Tais tradicionais iguarias foram apropriadas simbolicamente no jargão político contemporâneo para se referir a posicionamentos políticos de esquerda e direita no contexto brasileiro na última década.

No intuito de entender tal situação com maior profundidade, ensaio aqui um breve exemplo, buscando demonstrar como nossos empreendimentos de pesquisa podem estar contribuindo para tal economia de opiniões. Assim, optei por compreender aqui a realidade da música cristã protestante no Brasil e as representações discursivas transversais sobre ela no campo da etnomusicologia.

Entendo que a música das igrejas protestantes é em muitos casos representada dentro de correntes discursivas voltadas para outras realidades, que são mais periféricas, ou tradicionalmente comuns na etnomusicologia. Assim, não sendo a música protestante o centro das investigações, corre-se o risco de estereotipá-la, pois quase sempre está na perspectiva do outro. Diante disso, sugiro uma breve análise em torno das representações sobre as igrejas protestantes no Brasil no campo de pesquisa em música, apenas por meio de buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes em Programas de Pós-Graduação em Música.

Para realizar a busca inicial, limitei os filtros aos programas de pós-graduação em música (não restringindo ao campo da etnomusicologia) e apresentei os seguintes descritores, com seus respectivos resultados: evangélica (doze trabalhos), evangélico (cinco trabalhos), protestante (cinco trabalhos) e gospel (cinco trabalhos). Ao cruzar as informações e desconsiderar os resultados repetidos, restam-nos vinte trabalhos. Ainda, ao redefinir tal universo para os trabalhos que têm a música das igrejas protestantes como elemento temático central, nos restam quinze trabalhos.

Neste conjunto mais específico de pesquisas, os principais temas e discursos presentes estão em torno de representações das igrejas como espaços de formação musical, da descrição de práticas musicais diversas nestes contextos e das relações entre a música cristã e a contemporaneidade, globalização e hibridismos. Nesta última categoria, ainda podem ser destacadas duas subcategorias discursivas: a perspectiva de integração, que vê as relações contemporâneas de forma positiva e importante para a dinâmica de construção e manutenção das práticas músico-religiosas na realidade cristã protestante; e a perspectiva de crítica ao avanço da modernidade e retração de aspectos tradicionais, vendo tais relações de forma negativa e ameaçadora para a manutenção de suas práticas.

Associando-se à baixa presença de pesquisas em torno das práticas musicais das igrejas protestantes estão as representações sobre tais contextos em trabalhos centralizados em outras dimensões temáticas, mas que em algum momento se relacionam. Buscando compreender, ainda que superficialmente, os principais discursos presentes nesses estudos, observei um conjunto de 144 teses e dissertações já analisadas

em trabalhos anteriores (RIBEIRO, 2017; 2018), publicadas entre 1999 e 2014, na área de etnomusicologia em programas de pós-graduação em música no Brasil. Realizei uma análise de conteúdo temática em todo o material, buscando compreender o contexto discursivo em torno de termos relacionados ao contexto das igrejas evangélicas.

Os resultados apontam fundamentalmente para um conjunto de narrativas que representam uma realidade conflituosa entre práticas culturais tradicionais de minorias sociais e as igrejas evangélicas. As narrativas apresentam as seguintes relações entre os contextos estudados na literatura e as práticas religiosas cristãs protestantes: 1) evangélicos com perspectivas e valores negativos sobre outros contextos, descritas principalmente como intolerância religiosa; 2) convivência conflituosa entre contextos religiosos, geralmente resultantes da proximidade geográfica e das percepções de incompatibilidade de convívio; 3) influência sobre organização da vida e das práticas tradicionais, fundamentalmente por causa da agregação de membros dos contextos estudados ao protestantismo; 4) a percepção de incompatibilidade com outros contextos, devido aos conflitos constantes e aos antagonismos de suas crenças; 5) proximidade das igrejas evangélicas com objetivo evangelizador, buscando agregar os membros de outros contextos às práticas e exercícios cristãos protestantes; 6) igrejas protestantes como espaço de aprendizagem musical; e 7) a conciliação entre práticas e possíveis articulações entre os contextos. As duas últimas categorias se apresentam como exceções às perspectivas conflituosas destacadas nas outras anteriores, mas são muito pouco apresentadas na literatura.

Entendo que tal conjuntura discursiva nos leva às ideias de polarização, neutralidade e passividade anteriormente discutidas. A polarização pode ser percebida principalmente na construção de representações que opõem constantemente evangélicos e as religiões afro-brasileiras e a cultura popular. A neutralidade pode ser notada no fato de que ao colocarmos nossos fenômenos de estudo no centro, temos a falsa impressão de que nossos discursos sobre outros fenômenos que os tangenciam são neutros, ou pelo menos culturalmente localizados (e isso nos imprimiria uma sensação de neutralidade). Os etnomusicólogos não têm problemas em reconhecer que não há neutralidade em seus estudos. Entretanto, nos falta reconhecer que em alguns casos falta o exercício da alteridade e a ideia de neutralidade pode estar subjacente no discurso produzido. A passividade pode estar presente na ideia constante de hegemonia da igreja evangélica sobre os fenômenos estudados e a conseqüente aceitação passiva diante do seu poder.

Assim, talvez precisemos ir mais fundo e verificar as motivações subjetivas em torno das mudanças de práticas musicais, culturais, religiosas etc.

Como ressalva, nos faltaria olhar para os objetivos de pesquisa, metodologias, bases teóricas e resultados apresentados para obtermos uma perspectiva mais profunda. Mas acredito que estas ideias aqui apresentadas, mesmo que ainda superficiais, cumpram o papel de exemplificar como nós contribuimos para a construção de um conjunto de narrativas cristalizadoras e construtoras de estereótipos, que podem até mesmo orientar de forma tendenciosamente preconceituosa os futuros olhares de investigação científica.

O conjunto de narrativas já destacado aqui indica uma transversalidade com outras narrativas construtoras da nossa atual realidade de interação em torno de questões políticas. Dessa forma, o acúmulo de opiniões, algo importante no jogo político atual, pode ter profundas relações com os estereótipos que ajudamos a construir e com as consequentes divisões entre os sujeitos.

Entendo que tais divisões não apresentavam problemas políticos significativos porque até pouco tempo o jogo democrático brasileiro parecia muito mais voltado para narrativas mais próximas de um aparente consenso social. Tal perspectiva se apoia na concepção de que nossa realidade atual se aproxima das características político-comunicacionais descritas por Koopmans (2004), prevalecendo a busca pela polarização como estratégia política para alcançar evidência.

Por uma perspectiva comunicacional, ao discutir as interações entre movimentos sociais e autoridades políticas, Koopmans (2004) argumenta que parte decisiva de tais interações acontece na esfera pública das mídias massivas. Nessa arena, as tentativas de mobilizar a atenção pública são resumidas por Koopmans (2004) em três oportunidades discursivas. A primeira delas é a visibilidade, definida como a extensão em que uma mensagem é coberta pelas mídias massivas. A segunda é a ressonância, compreendida como o alcance da mensagem em outros meios e a capacidade de provocar reações a ela. A última dimensão discursiva é a legitimidade, que diz respeito ao grau em que as reações de terceiros atores na esfera pública sustentam ou rejeitam a mensagem ou quem a emitiu. Assim, tais dimensões são entendidas como mecanismos que afetam as chances de mensagens serem mais ou menos polêmicas.

Diante desta conjuntura conceitual, Koopmans (2004) aponta que os sujeitos emissores de determinada mensagem buscam altas visibilidade, ressonância e legitimidade. Entretanto, mensagens altamente legítimas, dificilmente apresentam alta

ressonância, pois não geram discordâncias e debates e, conseqüentemente, não geram alta visibilidade. Assim, o consenso tem dado lugar à polêmica nas estratégias políticas e comunicacionais atuais, colocando a polarização como elemento centralizador e desestruturante das regras não escritas do jogo democrático.

Assim, voltando ao caso exemplificado da realidade protestante no Brasil, penso que enquanto havia a busca pelo consenso não percebíamos a construção de um terreno potencialmente polarizado a ser incorporado na atualidade como estratégia político-comunicativa. Diante dos nossos estudos que tangenciam narrativas sobre a música protestante, penso que podemos ter contribuído para a construção de representações que eram tanto localmente consensuais, quando fundamentadas nas perspectivas dos fenômenos culturais tradicionalmente centralizados na pesquisa etnomusicológica, quanto potencialmente polêmicas, pois representavam uma crescente parcela da população que provavelmente não se enxergava em tais representações acadêmicas.

Diante desta conjuntura, provavelmente reforçada por outras representações potencialmente polarizadoras em outros âmbitos acadêmicos, sociais e políticos, penso que nossa realidade democrática atual esteja sendo afetada. Optei por exemplificar nossas representações acadêmicas sobre a realidade da música protestante também porque essa parcela da população ajudou a eleger a perspectiva ideológica que governou o Brasil entre 2018 e 2022, pois a variável religião teve um peso fundamental em tal processo (ALMEIDA, 2019; MARIANO; GERARDI, 2019). Assim, articulo aqui as perspectivas da busca pela visibilidade baseada na polarização (KOOPMANS, 2004) com um conseqüente acúmulo de opiniões (LUKACS, 2005) em torno de uma perspectiva ideológica representativa dessa parcela populacional. Assim, a polarização parece ser o principal mecanismo articulador na cooptação de uma sensação de injustiça representacional em um contexto de economia de opiniões.

Isso pode acontecer porque, nessa conjuntura, acabamos nos esquecendo de pessoas e comunidades, reforçando a cristalização de discursos que os representam de forma parcial. Diante disso, seria necessário nos voltarmos para os processos cotidianos de construção de tais representações, compreendendo a concretude da vida diária e possibilitando novas interpretações.

Em reflexão semelhante, Pinheiro-Machado (2016) sugere, tendo como base o campo da antropologia, o alargamento de nossos campos de pesquisa aos sujeitos que não se sentiram incluídos nas narrativas do Brasil emergente nos anos antecedentes ao

período de crise atual. Assim, entendo que o obscurantismo científico de sujeitos e comunidades nos contextos de crise pode ter reforçado narrativas representativas de seu esquecimento e conseqüentemente a construção de discursos pouco produtivos para nossa realidade democrática.

Nesta direção, podemos destacar também as reflexões de Hochschild (2016), que discute o processo de estranhamento dos norte-americanos em relação à sua própria terra, principalmente pela construção do sentimento de raiva diante de sua percepção de esquecimento e dificuldade em viver a narrativa do sonho americano. Desse modo, a partir da sensação de não pertencimento e do conseqüente descontentamento, emerge a raiva contra o *establishment*.

Ainda em sentido semelhante, em contexto brasileiro, Pinheiro-Machado e Scalco (2018) analisam as relações entre ódio e esperança na juventude no Morro da Cruz em Porto Alegre, articulando política e pobreza. As autoras apontam que esperança e ódio não são categorias totalizantes, mas podem ser compreendidas como dimensões que nos ajudam a pensar a subjetividade política moldada em diferentes contextos. Em suas análises, Pinheiro-Machado e Scalco (2018) demonstram uma relação profunda entre ódio e esperança, de modo que cada uma dessas categorias se apresenta ao mesmo tempo como produtora e resultante da outra.

Com isso, quero dizer que também estamos contribuindo para um esquecimento de parcela da nossa sociedade e, em direções semelhantes a estes exemplos citados, estamos ajudando na construção dessa complexa relação entre ódio e esperança. Dessa forma, entendo que seja importante lançarmos mão da construção de narrativas alternativas em nossas agendas de pesquisa, buscando compreender a vida concreta e as representações de sujeitos e coletividades ainda pouco exploradas em nosso campo.

5 A CONSTRUÇÃO DE CONTRA-NARRATIVAS

Na tentativa de pensar sobre o que podemos fazer diante de nossa crítica conjuntura atual, acredito que podemos trabalhar nossos empreendimentos investigativos na ampliação de contra-narrativas que questionem o estabelecimento de discursos cristalizadores de sujeitos e coletividades. Nessa direção, podemos fazer algo semelhante ao que propõe Pinheiro-Machado (2016) ao pensar uma agenda de pesquisa comprometida com a realidade social e com a vida cotidiana dos sujeitos. Seria necessário compreender a

construção das narrativas em torno das experiências de vida dos sujeitos e, quando necessário e possível, oferecer outras interpretações e modos de ação em sua vida cotidiana.

Assim, tomo de empréstimo a reflexão de Pinheiro-Machado (2016):

Uma antropologia [e etnomusicologia] do *Brasil profundo* – por meio de uma etnografia da vida cotidiana – requereria mostrar o quanto a constituição do self dos indivíduos é multifacetada e contraditória, trazendo para a superfície as formas como esses indivíduos são afetados pelo momento atual na mesma medida dialética em que eles afetam e transformam a própria crise. (PINHEIRO-MACHADO, 2016, p. 22).

Com base nesta reflexão, penso ser necessária uma etnografia da vida musical cotidiana em maior diversidade de contextos e perspectivas, buscando compreender as múltiplas representações potencialmente polarizadoras. Ainda, entendo que a compreensão das diversidades, contradições e complexidades presentes nas vivências sociomusicais dos sujeitos e coletividades deva ser algo cada vez mais compartilhado e colocado no debate público, possibilitando ressignificações para além do campo acadêmico.

Destarte, a escuta, dimensão metodológica fundamental na pesquisa de campo etnomusicológica, é também ferramenta de transformação. O exercício dialético que nos possibilita compreender concepções musicais profundas e complexas dos sujeitos que estudamos pode ser o mesmo a nos ajudar a compreender e agir em tempos críticos. Assim, tomo como minhas as palavras de Pinheiro-Machado (2016, p. 26) ao dizer que “muito tem se dito no debate público que, em tempos de caos, é preciso mais escuta. Eu acrescentaria escuta generosa e sem pressa”.

Em um tempo em que a economia de opiniões parece prevalecer, precisamos colocar todo posicionamento e narrativa em reflexão, fundamentalmente a partir das realidades e múltiplas perspectivas dos sujeitos. Entendo que temos feito algo nessa direção, tanto no contexto brasileiro quanto em outras realidades, questionando e repensando conceitos, integrando a realidade concreta das pessoas envolvidas em nossos estudos, propondo novas perspectivas de formação e promovendo o contato dialético entre diversas epistemologias, entre outros aspectos.

Nesse contexto, podemos destacar alguns trabalhos representativos deste movimento. O trabalho de Araújo (2006), ao discutir o uso da violência como um conceito que vai além de uma categoria descritiva, apresenta-nos uma perspectiva fundamen-

talmente dialógica da etnomusicologia, baseando-se na experiência em que os pesquisadores atuam como mediadores entre o conhecimento acadêmico e jovens moradores da comunidade da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. A partir desse posicionamento dialógico, o trabalho desenvolvido proporciona a ressignificação das diversas violências a partir da realidade dos sujeitos que as sofrem.

Outro exemplo pode ser encontrado nos estudos de Woodford (2004, 2018), que não estão centralizados no campo da etnomusicologia, mas são destacados aqui porque apresentam preocupações com uma educação musical engajada com as necessidades democráticas do mundo contemporâneo, passando atualmente para reflexões em torno de processos de construção de uma narrativa relativa a circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais (pós-verdade).

Ainda, podem ser destacadas as reflexões presentes no trabalho organizado por Moore (2017), reunindo um conjunto de perspectivas sobre o futuro da formação superior em música diante dos nossos desafios contemporâneos e algumas possibilidades de transitar para novos paradigmas. Nessa direção, são discutidos novos conceitos e diretrizes para repensar a educação musical em nível superior, bem como as possibilidades de aplicação prática dos princípios de formação discutidos.

Por fim, reforçando a perspectiva dialógico-cultural, podemos destacar o projeto Encontro de Saberes (CARVALHO; ÁGUAS, 2015), com variados desdobramentos na antropologia e etnomusicologia latino-americanas. O trabalho tem um caráter teórico-político que permite aos mestres e mestras dos saberes tradicionais atuarem como professores nas universidades, questionando e rompendo com o modelo eurocêntrico por meio de um espaço de experimentação pedagógica e epistêmica (CARVALHO; ÁGUAS, 2015).

Nesse sentido, perspectivas como as de Araújo (2006), Woodford (2004, 2018), Moore (2017) e Carvalho e Águas (2015) nos levam a repensar as implicações da conjuntura contemporânea que articula pesquisa, música, educação, política e vida social. Tais trabalhos nos indicam caminhos construtores de contra-narrativas, questionando concepções e práticas cristalizadas, nos levando a observar, compreender e conviver com a vida cotidiana dos sujeitos com os quais nos relacionamos em nossos empreendimentos investigativos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento crítico em que o ódio e representações polarizadoras dos sujeitos começam a tomar utilidade política, é importante que nossos esforços pessoais e profissionais se voltem para o exercício de oposição constante e de reconstrução de discursos mais produtivos. Isso não quer dizer que devemos menosprezar ou diminuir nossas diferenças, mas reconhecê-las dentro de um campo social democraticamente orientado.

Nesse sentido, se retomarmos os motivos destacados por Rice (2014) para o campo da etnomusicologia se preocupar tardiamente com questões mais críticas da sociedade, encontramos um conjunto significativo de agendas investigativas, como: compreender a música nas demandas sociais emergentes, independentemente de nosso prazer estético e gosto pessoal; estudar contextos em que música é entendida por perspectivas negativas; compreender a música em contextos de instabilidade social; estudar fenômenos fora dos cânones investigativos da etnomusicologia; buscar formas de investigar a música em contextos perigosos e com dificuldades estruturais para o desenvolvimento de pesquisas.

Adicionalmente, nossa realidade investigativa exige uma orientação dialética ampla, envolvendo um constante e diversificado exercício de alteridade. Levitsky e Ziblatt (2018) destacam que a ideia de que progressistas e conservadores devem lutar é algo fortemente equivocado, pois há evidências em diversos países de que tal estratégia beneficia o jogo dos autoritários. Diante disso, com base em Levitsky e Ziblatt (2018), é importante que evitemos consolidar o discurso de guerra, que façamos oposição robusta ao comportamento autoritário, dentro das regras democráticas, e que possamos construir coalizões que se estendam para além de nossos aliados naturais. Enfim, a principal contra-narrativa sugerida aqui é a construção de discursos não polarizadores, mediados principalmente por meio da cooperação e do exercício da alteridade, pois “cooperar apesar da polarização é superar a polarização!” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 210). Não proponho a fuga do conflito e do contraditório, mas ao contrário, explorá-los em suas múltiplas possibilidades democráticas e dialéticas. Ainda, com base nas ideias de Pinheiro-Machado (2016), entendo que é bastante importante o alargamento do nosso escopo profissional engajado, identificando as demandas sociais emergentes e buscando formas de auxiliar em tais demandas a partir das nossas realidades de formação, habilidades e possibilidades profissionais.

É importante ressaltar que este texto é um ensaio reflexivo que não propõe ser conclusivo, mas apresentar questões e possibilidades interpretativas. Nesse sentido, podemos resumir as ideias aqui apresentadas na perspectiva de que estamos em um momento de acúmulo de opiniões, que são resultantes de um processo de negociação de narrativas. Diante disso, seria importante buscarmos uma aproximação e compreensão das narrativas em jogo no momento contemporâneo de crise, considerando também aquelas que sempre estão presentes de modo transversal, mas pouco centralizadas em nossas preocupações investigativas.

Aqui, entendi a etnomusicologia como uma forma de olhar escolhida por nós (seja por nossa formação, por afinidade metodológica, por afinidade teórica, entre outras possibilidades) que possui relações fundamentais com a música, cultura, pesquisa e educação. Através dessas relações, nós podemos construir possíveis agendas de compreensão e de ação social em torno de um olhar crítico e reflexivo sobre: o acúmulo de opiniões que vem constituindo parte de nossas relações políticas contemporâneas; as dimensões não escritas desse jogo democrático contemporâneo, expressa e produzida principalmente em nossa vida cotidiana; e a negociação entre um conjunto de narrativas que parecem estar se sobrepondo à nossa realidade concreta da vida diária.

Enfim, diante dos complexos desafios envolvendo nossa realidade de múltiplas narrativas, muitas vezes temos a impressão de que nossa sociedade está retomando comportamentos e pensamentos historicamente percebidos como equivocados. Nessa conjuntura, podemos retomar a perspectiva comumente atribuída ao escritor e humorista norte-americano Mark Twain, ao dizer que “a história nunca se repete, mas muitas vezes rima”. Assim, em face de uma realidade que seja musicalmente e socialmente engajada, eu ainda acrescentaria que na produção de contra-narrativas, com oposição ao discurso polarizador e antidemocrático, baseando-nos na concretude e nas múltiplas representações da vida musical, talvez nós possamos mudar a rima!

REFERÊNCIAS

AGAWU, Victor Kofi. **Representing african music**: Postcolonial Notes, Queries, Positions. New York; London: Psychology Press, 2003.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n. 1, p. 185–213, abr. 2019.

ANDERSON, Perry. **O fim da história**: de Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

ARAÚJO, Samuel Conflict and Violence as Theoretical Tools in Present-Day Ethnomusicology: Notes on a Dialogic Ethnography of Sound Practices in Rio de Janeiro. **Ethnomusicology**, v. 50, n. 2, p. 287–313, 2006.

BARZ, Gregory; COHEN, Judah M. (org.). **The culture of AIDS in Africa**: hope and healing through music and the arts. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2011.

CARVALHO, José J.; ÁGUAS, Carla. Encontro de saberes: um desafio teórico, político e epistemológico. In: SANTOS, Boaventura de Souza; CUNHA, Teresa (orgs). COLÓQUIO INTERNACIONAL EPISTEMOLOGIAS DO SUL. **Atas** [...]. Coimbra: Universidade Coimbra; Centro de Estudos Sociais, 2015. v. 1: Democratizar a Democracia, p. 1017-1027.

DIAMOND, Larry. Facing up to the democratic recession. **Journal of Democracy**, v. 1, p. 141–145, 2015.

FUKUYAMA, Francis. The end of history? **The National Interest**, n. 16, p. 3–18, 1989.

HARRISON, Klisala. The relationship of poverty to music. **Yearbook for Traditional Music**, v. 45, p. 1–12, 2013.

HEMETEK, Ursula. Applied ethnomusicology in the process of the political recognition of a minority: a case study of the Austrian Roma. **Yearbook for Traditional Music**, v. 38, p. 35–57, 2006.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **Strangers in their own land**: anger and mourning on the American Right. New York: New Press, The, 2016.

KARTOMI, Margaret. The musical arts in aceh after the tsunami and the conflict. In: HARRISON, Klisala; MACKINLAY, Elizabeth; PETTAN, Svanibor (orgs.). **Applied Ethnomusicology**: historical and contemporary approaches. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 200–213.

KOOPMANS, Ruud. Movements and media: selection processes and evolutionary dynamics in the public sphere. **Theory and Society**, v. 33, n. 3, p. 367–391, 1 jun. 2004.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (orgs.). **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador: EdUFBA, 2016.

LUKACS, John. **Democracy and Populism**: fear & hatred. New Haven; London: Yale University Press, 2005.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, n. 120, p. 61–76, 11 mar. 2019.

MCDONALD, David A. Poetics and the performance of violence in Israel/Palestine. **Ethnomusicology**, v. 53, n. 1, p. 58–85, 2009.

MOORE, Robin D. **College music curricula for a New Century**. New York: Oxford University Press, 2017.

O'CONNELL, John Morgan. Music in war, music for peace: a review article. **Ethnomusicology**, v. 55, n. 1, p. 112–127, 2011.

PEDELTY, Mark. **Ecomusicology: rock, folk, and the environment**. Philadelphia: Temple University Press, 2012.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos IHU ideias**, v. 16, p. 03-13, 2018. Disponível em:
<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/278cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Luzes antropológicas ao obscurantismo: uma agenda de pesquisa sobre o “Brasil profundo” em tempos de crise. **Revista de antropologia da UFSCAR**, v. 8, n. 2, p. 21-28, dez. 2016.

RAMNARINE, Tina K. Acoustemology, indigeneity, and joik in Valkeapää's Symphonic activism: views from Europe's Arctic Fringes for environmental ethnomusicology. **Ethnomusicology**, v. 53, n. 2, p. 187–217, 2009.

RIBEIRO, Fábio Henrique Gomes. Paradigmas teóricos sobre a performance musical na cultura popular. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 270–285, 2018. DOI 10.5216/mh.v18i2.50928. Disponível em:
<https://revistas.ufg.br/musica/article/view/50928>. Acesso em: 25 nov. 2022.

RIBEIRO, Fábio Henrique Gomes. **Performance musical na cultura popular contemporânea de João Pessoa**. 2017. 408 p. Tese (doutorado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

RICE, Timothy. Ethnomusicology in times of trouble. **Yearbook for Traditional Music**, v. 46, p. 191–209, 2014.

SHELEMAY, Kay Kaufman. **Let Jasmine rain down: song and remembrance among Syrian Jews**. Har/Com edition ed. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

SPITZER, Nick. Rebuilding the ‘Land of Dreams’ with Music. In: BIRCH, EUGENIE L.; WACHTER, SUSAN M. (org.). **Rebuilding urban places after disaster: Lessons from Hurricane Katrina**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

WELSH, Jennifer. **The return of history: conflict, migration, and geopolitics in the twenty-first century**. Toronto, Ontario: House of Anansi Press, 2016. p. 305-318.

WOODFORD, Paul G. **Democracy and music education: liberalism, ethics, and the politics of practice.** Blomington: Indianapolis: Indiana University Press, 2004.

WOODFORD, Paul G. **Music education in an age of virtuality and post-truth.** New York: Routledge, 2018.